

"CARREGANDO O MUNDO NAS COSTAS": A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL DE MÃES UNIVERSITÁRIAS

"CARRYING THE WORLD ON THE BACK": THE EMOTIONAL EXPERIENCE OF UNIVERSITY MOTHERS

"LLEVANDO EL MUNDO EN LAS ESPALDAS": LA EXPERIENCIA EMOCIONAL DE LAS MADRES UNIVERSITARIAS

*Laura Veloso**

*Miriam Tachibana***

RESUMO

Dada a escassez de pesquisas voltadas a mulheres que experienciam, paralelamente, a maternidade e os estudos universitários, objetivou-se investigar a experiência emocional de mães universitárias. Foram realizadas entrevistas individuais com 10 mães vinculadas a universidades de Minas Gerais. Tais entrevistas foram mediadas pelo Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, segundo a temática "uma mãe universitária". Após cada entrevista, a pesquisadora que a conduziu redigiu uma narrativa transferencial do encontro. O material, analisado psicanaliticamente, foi organizado em consonância com a Teoria dos Campos, tendo sido identificados três campos, intitulados "Profissional prejudicada", "Mãe falha" e "Mulher (in) dependente". Observou-se que as participantes experienciavam mal-estar em suas funções enquanto estudantes e mães, tendo a impressão de que sua independência teria sido abortada. Conclui-se que o coletivo de mulheres investigado tem o sentimento de carregar o mundo nas costas, demandando maior atenção para que possam experienciar, de modo integrado, as várias esferas de suas vidas.

Palavras-chave: Maternidade. Universitária. Feminino.

ABSTRACT

Considering the scarcity of research about women who experience motherhood and university studies at the same time, this work aims to investigate the emotional experience of mothers enrolled at university. Individual interviews were conducted with 10 mothers of universities in

Texto recebido em 4 de abril de 2020 e aprovado para publicação em 30 de julho de 2020.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia.

** Professora adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Pós-doutora em Psicologia clínica pela Universidade de São Paulo, com estágio pós-doutoral na Université de Paris X – Nanterre. Doutora em Psicologia, ciência e profissão pelo Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com estágio de doutorado sanduíche na Université Charles de Gaulle Lille 3. Mestre em Psicologia clínica pelo Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Minas Gerais, mediated by the Thematic-Drawing-and-Story Procedure, according to the thematic “a university mother”. After each interview, the researcher wrote a transferential narrative of the meeting. The material, psychoanalytically analyzed, was organized according to the Field Theory. It was identified three fields, entitled “Impaired professional”, “Failed mother” and “(In)dependent woman”. The participants experienced discomfort in their roles as students, as well as mothers, having the impression that their independence had been aborted. It was concluded that the investigated women experienced a feeling of carrying the world on their backs, demanding a greater attention to be able to experience, in an integrated way, the various spheres of their lives.

Keywords: Motherhood. University. Female.

RESUMEN

Dada la escasez de investigación de mujeres que experimentan en paralelo la maternidad y los estudios universitarios, se buscó investigar la experiencia emocional de las madres universitarias. Se realizaron entrevistas individuales con diez madres de universidades de Minas Gerais, mediadas por el Procedimiento de Dibujos-Historias con Tema, según el tema “una madre universitaria”. Después de cada entrevista, la investigadora escribió una narrativa transferencial de la reunión. El material, analizado psicoanalíticamente, se organizó según la Teoría de Campo. Fueron identificados los campos “Profesional deteriorada”, “Madre fallida” y “Mujer (no) dependiente”. Se observó que las participantes experimentaron malestar en sus roles como estudiantes y como madres, teniendo la impresión de que su independencia hubiera sido abortada. Se concluye que las mujeres investigadas sienten que están llevando al mundo en sus espaldas, exigiendo una mayor atención para que ellas puedan experimentar, de manera integrada, las diversas esferas de sus vidas.

Palabras clave: Maternidad. Universidad. Femenino.

1 INTRODUÇÃO

O imaginário social, acerca da mulher vem passando por importantes transformações nos últimos séculos. A partir do final do século XVIII, com o culto à maternidade, a sociedade passou a conceber que o amor materno seria natural e universal, constituindo-se como uma condição inerente a toda mulher (Machado, Penna, Lima, & Caleiro, 2019). Essa concepção, que

confundia feminilidade e maternidade, só começou a ser questionada entre o fim do século XIX e o começo do século XX, através de movimentos sociais importantes, em especial o feminismo (Gonçalves & Ternovoe, 2017). Foi a partir dessa desnaturalização da maternidade que a mulher começou a adentrar o espaço público, vale dizer, o mercado de trabalho, outrora tão primordialmente masculino.

Uma vez que a universidade é o lugar por excelência para se qualificar profissionalmente, naturalmente, o público feminino começou a ocupar esse espaço historicamente reservado aos homens (Pereira & Abrão, 2019). Embora inicialmente essa entrada tenha se dado de forma tímida (Gonçalves & Ternovoe, 2017), observamos que a presença feminina nas instituições de Ensino Superior teve um aumento significativo, tanto que, na atualidade, mais de 50% das matrículas, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, é de estudantes mulheres (INEP, 2019)

Pensando especificamente neste grupo de mulheres universitárias, chamou-nos a atenção a escassez de produções científicas que versam sobre aquelas que precisam conciliar a maternidade com os estudos acadêmicos, embora haja uma produção relativamente robusta acerca da mulher que precisa conjugar a maternidade com a vida profissional. Trata-se de uma constatação que também foi apontada por Vieira, Souza e Rocha (2019) que, ao realizarem um estudo de revisão sistemática da literatura brasileira sobre o tema, identificaram que, dentre os poucos textos publicados sobre mães universitárias, em sua maioria, não se tratava de artigos, isto é, de trabalhos indexados em periódicos e revisados por pares.

Podemos pensar que, talvez, a maioria dos estudos sobre a dupla jornada de trabalho da mulher se volte sobretudo para as que já estariam inseridas no mercado de trabalho (em detrimento das que ainda estão se graduando), devido ao fato que, de maneira geral, mulheres que se encontram na universidade não planejam ter filhos naquele momento, postergando os planos de maternidade, se existentes, para depois da graduação (Urpia & Sampaio, 2011). Ainda assim, consideramos preocupante o fato de haver tão poucos trabalhos dedicados à mulher que necessita conciliar maternidade e estudos universitários, não havendo tampouco dados recentes de quantas universitárias se encontram nessa condição (Jiménez, Campa, & Villalobos, 2019), implicando, de certo modo, numa existência invisível (Yakaboski, 2010).

Observamos, a despeito da ausência de dados quantitativos recentes sobre mães universitárias, que a licença maternidade aparece como um dos principais motivos de trancamento dos cursos de graduação no Brasil (Dias & Soares, 2019).

Em sua revisão da literatura, Rosa, Zamberlan, Machado, Flain e Diaz (2018) notaram que, mesmo havendo políticas públicas visando sustentar a permanência de mães na universidade, não raro a estudante interrompe os estudos, compondo os índices de evasão universitária entre mulheres. Ademais, constatamos a tensão entre as universitárias e a maternidade pelas pesquisas internacionais em que estudantes relataram que, ao descobrirem que estavam grávidas, optaram pelo aborto clandestino, porquanto convencidas da impossibilidade de conciliar os estudos acadêmicos com os cuidados maternos (Alvargonzález, 2017; Appiah-Agyekum, Sorkpor, & Ofori-Mensah, 2015; Díaz, Rojas, González, & Gómez, 2013; Jimenez et al., 2019).

Mediante o exposto, identificamos a necessidade de maior compreensão acerca das universitárias que, ao invés de interromperem a gestação ou os estudos, decidem levar paralelamente a maternidade e a vida acadêmica. Deste modo, no presente estudo objetivou-se investigar a experiência emocional de estudantes universitárias que precisam conciliar a vida acadêmica com a maternidade.

2 MÉTODO

Após a aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética de Pesquisas envolvendo seres humanos (CAAE: 79675716.0.0000.5152), foi adotado, para a composição da amostra deste estudo, o método de amostragem em bola de neve. Tal método consiste na colaboração dos membros de um determinado grupo social para obter amostra de um subgrupo específico desse grupo maior (Dewes, 2013). Assim, foi solicitado que pessoas conhecidas, vinculadas ao âmbito universitário, indicassem universitárias que fossem mães. A cada participante, também era solicitada a indicação de outras possíveis participantes.

No final, a amostra foi composta por dez mulheres, cuja idade média foi de 23 anos. Com exceção de uma participante, que tinha duas filhas, as demais tinham apenas um filho, sendo a idade média das crianças de dois anos e meio. Quanto ao estado civil, sete delas eram casadas ou se consideravam em uma relação estável com o pai de seus filhos, duas eram divorciadas e uma estava solteira. Todas as participantes se encontravam na segunda metade da graduação (ou seja, entre o quinto e o décimo períodos) de universidades públicas e privadas situadas no interior de Minas Gerais. Cinco entrevistadas faziam cursos das ciências humanas, quatro das ciências exatas e uma das ciências biológicas.

Com essas dez mulheres foram realizadas entrevistas individuais, que ocorreram numa das salas de atendimento da clínica-escola de Psicologia da universidade que desenvolveu esse trabalho, ou numa sala de aula vazia, conforme a preferência de cada participante. Metade das entrevistas contou com

a participação dos filhos das participantes, que eram trazidos espontaneamente por elas.

Nas entrevistas, foi usado um recurso dialógico, visando favorecer a comunicação emocional significativa das participantes. Foi usado, assim, o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999), através do qual, cada participante foi convidada a realizar um desenho e a inventar uma história, segundo o tema “uma mãe universitária”. Trata-se de uma estratégia metodológica que já foi eficazmente utilizada em pesquisas psicanaliticamente orientadas (Corbett, Ambrosio, Beluzzo & Aiello-Vaisberg, 2014; Assis, Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016), sempre com o intuito de criar um ambiente lúdico no qual os participantes pudessem se sentir mais relaxados e aptos a comunicarem questões que poderiam ser sentidas como emocionalmente mobilizadoras.

Após a realização dessa atividade “disparadora”, cada participante era convidada a falar sobre o tema de interesse da pesquisa, sem terem as suas falas excessivamente conduzidas, de modo a não privar a sua associação livre, tão imprescindível nas entrevistas psicanalíticas. Deste modo, sem a realização de perguntas muito diretivas, foi solicitado que as entrevistadas falassem sobre suas experiências como mães universitárias.

Vale ressaltar que, no início de cada entrevista, foi solicitado às participantes permissão para gravar a conversa, a qual todas concederam. Desta maneira, após a realização de cada entrevista, a pesquisadora que se ocupou de fazer as entrevistas escutava novamente as gravações, mas sem o objetivo de transcrevê-las literalmente. Ao invés disso, redigia uma narrativa transferencial (Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron, & Beaune, 2009) daquele encontro, relatando não apenas as falas e os atos das participantes, mas também aquilo que nela foi evocado. Assim, a pesquisadora incluiu, nas narrativas transferenciais, os sentimentos que nela foram despertados, bem como suas associações livres, incluindo sempre a sua própria personalidade.

Cada narrativa transferencial, juntamente com o desenho-estória produzido no encontro referente àquela narrativa, foi analisada em reuniões científicas, segundo o método psicanalítico. Por meio das principais técnicas psicanalíticas, ou seja, da associação livre e da atenção flutuante, o material foi analisado visando à compreensão interpretativa. A partir daí, organizamos esse material segundo a Teoria dos Campos desenvolvida pelo psicanalista brasileiro Fábio Herrmann (2007). Para Herrmann (2007), nosso psiquismo seria atravessado por diversos campos, sendo que cada um deles interferiria na forma do indivíduo de representar a realidade, seguindo uma ordem de funcionamento própria (Herrmann, 2007).

Para ilustrar, poderíamos pensar na seguinte situação: uma pessoa que é atravessada pelo campo da paranoia tenderá a ver, segundo a regra lógico-emocional sustentada por esse campo, os dados da realidade de acordo com a lógica da paranoia, concebendo tudo o que lhe ocorre de modo persecutório. Isso porque o campo seria como um ponto fixo que faria com que o sujeito não vislumbrasse outras possibilidades, outros movimentos, limitando a sua experiência a um mesmo velho repertório (Sanches & Cardoso Junior, 2006). Deste modo, com o objetivo de investigar a experiência emocional de mães universitárias, buscou-se a identificação dos campos por elas habitados, entendendo que, a partir dos campos, tornar-se-ia possível compreender quais são as ideias e os sentimentos que as atravessam, determinando as suas representações da realidade e configurando a sua experiência emocional de serem mães universitárias.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da interpretação psicanalítica do material produzido, foi possível erguer três campos: “Profissional prejudicada”, “Mãe falha” e “Mulher (in) dependente”;

3.1 Campo “Profissional prejudicada”

O campo “Profissional prejudicada” é definido pela regra lógico-emocional de que ser mãe universitária equivale a sentir que aquela gestação teria sabotado o seu desenvolvimento acadêmico/profissional. Dito de outro modo, as dez participantes manifestaram o imaginário de que, talvez, se não fosse por conta da maternidade, não estariam atrasadas em seus cursos e até poderiam estar melhor empregadas e em situação financeira mais estabilizada. Para ilustrar esse campo, foi selecionado um trecho de uma das narrativas, elaboradas a partir da entrevista com uma das participantes (cujo nome, bem como os das demais, é fictício):

No início da entrevista, quando foi solicitada a fazer um desenho-estória, Íris desenhou uma moça, sentada numa sala de aula, rodeada de pensamentos variados, dentre os quais “Meu celular não dá sossego”, “Cadê meu namorado?”, “Putz, ainda tenho que fazer comida”, “Tô sem dinheiro”, “Não estou entendendo nada dessa matéria...”, “Será que eu desliguei o PC?”, “Onde o [nome do filho] está agora?”, “Esqueci de tomar meu remédio” e “Putz, tô gordinha”.

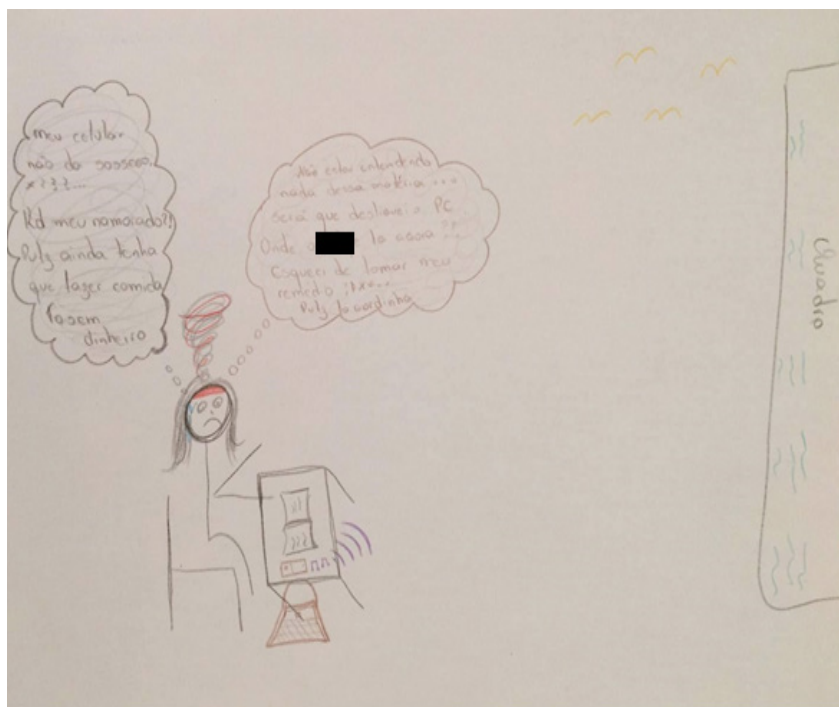


Figura 1: Desenho de Íris

A participante comentou que, antes de conhecer o pai de seu filho, estava planejando fazer um intercâmbio para fora do Brasil: “Meu objetivo era ser uma pessoa de sucesso e aí eu me vi mãe, barriguda e casada. Foi um freio de mão”. Ainda, ao final da entrevista, a participante disse: “Eu fico constrangida quando as pessoas me perguntam se eu sou formada, porque eu gostaria de já estar formada, tendo uma independência financeira”.

Enquanto no trecho da narrativa da entrevista de Íris fica evidente que ela se sentiu atrasada em seu percurso profissional, no trecho seguinte, referente à narrativa da entrevista de outra participante, a comunicação já é a de ter sido necessário se desviar dos sonhos profissionais iniciais:

Prímula conta que cursava Engenharia da Computação na época em que descobriu que estava grávida, e que teve muita dificuldade em frequentar as aulas, na gestação, pois tinha muita insônia e só conseguia pegar no sono de manhã, bem no horário das aulas. Comenta: “Depois que minha filha nasceu e que nós começamos a pensar na dinâmica e na rotina, eu decidi mudar de curso, porque em Sistemas da Informação a grade horária é menor e as aulas são só à noite. Aí a gente ia conseguir se organizar melhor, para meu marido ficar com ela e eu poder estudar”. Mais para o fim da entrevista, a participante diz que está gostando muito dessa nova área, mas que sentia que não seria a melhor profissional que ela poderia ser nessa área da tecnologia.

Várias outras participantes também comunicaram que trancaram o curso, pois não conseguiram conciliar a chegada do filho, e todos os cuidados que esse momento envolve, com os compromissos acadêmicos. Em outros estudos empíricos nos quais mães universitárias foram ouvidas (Amorim, 2012; Urpia & Sampaio, 2011), observou-se igualmente esse sentimento de que a maternidade teria imposto às participantes um percurso profissional mais tortuoso, envolvendo trancamentos, dificuldades de frequentar assiduamente as aulas, falta de tempo para estudar, dentre outras circunstâncias. Para além das questões de aprendizagem propriamente ditas, Yakaboski (2010) comenta que essa dinâmica de ser mãe universitária acarreta, também, prejuízos nos vínculos afetivos com os pares, seja porque com os trancamentos perdem-se os laços com os demais estudantes, seja porque a estudante passa a corresponder ao estereótipo de mulher preguiçosa, aos olhos de seus colegas, já que precisa ficar negociando prazos o tempo todo com a instituição de ensino.

A esses dados podem ser somados os que versam sobre o aborto provocado entre estudantes universitárias. Na pesquisa conduzida por Appiah-Agyekum et al. (2015), em que 142 estudantes universitárias africanas foram ouvidas sobre aborto provocado, aquelas que assumiram que haviam interrompido suas gestações relataram que suas decisões se basearam no receio de que aquela gravidez, irrompida de forma não planejada, pudesse atrasar ou mesmo impedir a conclusão de seus estudos.

Em meio a esse mal-estar emocional frente a uma graduação mais tortuosa, identificado em nossas participantes e nas pesquisas empíricas supracitadas, vemos que o imaginário social sobre o que é ser mulher, que estaria atravessando as jovens mulheres da atualidade, seria o de que a mulher precisaria ter um bom trabalho fora de casa, bem remunerado, para ser vista como uma figura feminina tida como emancipada (Machado et al., 2019). Assim, se, antigamente havia expectativas sociais de que a mulher deveria se dedicar exclusivamente à maternidade, à mulher contemporânea parece ser estipulado que esta tenha uma escolaridade prolongada, somada a um contraceptivo seguro, voltando-se para a maternidade apenas após cumprir o requisito mínimo de conclusão dos estudos universitários (Urpia & Sampaio, 2009). A inversão dessa nova ordem social, vale dizer, o surgimento da maternidade antes da conclusão da formação universitária, seria alvo de críticas (Vieira et al., 2019), o que nos leva a pensar que caminhamos para um imaginário social acerca do feminino, igualmente exigente com a mulher: da cobrança social para que ela se dedique exclusivamente à maternidade, migramos para a expectativa de que ela estude muito para se tornar uma profissional bem-sucedida para, somente depois disso, casar-se e estar autorizada a ser mãe (Jiménez et al., 2019). Teríamos, na

atualidade, uma padronização da idade, do estado civil e da situação financeira para que as mulheres comecem a se reproduzir (Ribeiro, 2016).

Apesar das participantes terem maciçamente associado a maternidade a prejuízos acadêmicos, houve, no final de algumas entrevistas, relatos de que a maternidade paradoxalmente esteve vinculada a um salto na vida acadêmica. Para ilustrar, apresentamos o seguinte trecho de uma das narrativas:

Na entrevista, a participante Amarílis comentou que, quando pensava que poderia engravidar sem querer do namorado, falava: “Eu vou tirar se eu tiver; nunca que eu vou ter um filho”. No entanto, também comenta que, desde que sua filha nasceria, sua vida havia melhorado. Até então, como ela trabalhava na empresa do pai, que ela sabia que iria assumir de todo modo após a graduação, não tinha tanta motivação. Fala: “Meu pai sempre comentava que eu estava desmotivada porque estava tudo encaminhado, eu ia formar e já tinha um emprego. Eu não precisava formar agora, podia ir empurrando com a barriga..., mas agora que eu tenho a Ana, eu quero formar, fazer dinheiro e dar uma vida de rainha para ela”.

Assim, embora todas as participantes tenham recorrido, num primeiro momento, sobre os prejuízos acadêmicos vividos após a maternidade, enxergando-se enquanto profissionais prejudicadas, algumas delas apontaram a possibilidade de se sentirem, em algumas circunstâncias, mais profissionais motivadas do que profissionais prejudicadas, a partir da maternidade.

3.2 Campo “Mãe falha”

Esse segundo campo é definido pela regra lógico-emocional de que ser mãe universitária equivale a ser uma mãe em dívida com os filhos. Desta forma, se, no campo anterior, identificamos que as participantes tinham a impressão de ferirem ao romper com o ideal tradicional de aluno, no campo vigente, a ferida refere-se ao ideal tradicional de maternidade. Para ilustrar, apresentamos o trecho de narrativa derivada de uma das entrevistas:

Figura 2 - A participante Dália realizou o seguinte desenho-estória, em que aparece, de um lado, um escritório com livros e, de outro, uma mãe brincando com suas duas filhas:



Figura 2: Desenho de Dália

Explicou que quase não tem tempo de ficar na sala de estudos, uma vez que suas filhas demandam muita atenção. Por isso, acabou se desenhando ao lado das filhas, pois elas ficavam o tempo todo querendo chamar a sua atenção. Diz: “Eu tinha demais que ter aproveitado a época em que eu não tinha filhos; não é que elas me atrapalhem, mas é que eu me sinto culpada em não poder estar com elas o tempo todo. Uma coisa é você fazer os afazeres domésticos, mas estudo demanda mais tempo, exige concentração. Então não tem como, no momento em que eu estou estudando, me dedicar a elas. É frustrante porque às vezes eu perco muitos momentos que eu nunca mais vou ter com elas”.

O mal-estar trazido por Dália, bem como por todas as outras participantes, não é de se estranhar. É sabido que, por mais que a mulher tenha conseguido adentrar o espaço público, a figura feminina ainda tem sido concebida como a principal (e às vezes exclusiva) responsável pelo espaço privado, isto é, pelas tarefas domésticas e pela criação dos filhos, o que culmina em sentimento de culpa por não se dedicar inteiramente aos filhos (Terra, 2019). Conforme destacam Silva, Pereira, Antunes, Silva e Castelan (2019), de maneira geral, se a mulher deseja construir uma carreira, precisa encarar a sobrecarga da dupla jornada de trabalho, ou então, precisa escolher um dos dois lados desse mundo, havendo uma pressão social para que ela se posicione mais em relação aos cuidados dos filhos, deixando a carreira de lado (Terra, 2019).

Em nossa pesquisa, chamou-nos a atenção não apenas o fato de nossas participantes se sentirem falhas enquanto mães, culpabilizando-se pelo tempo não dedicado aos filhos, mas, principalmente, as narrativas das participantes sobre outras pessoas, em especial outras mulheres, cobrando-lhes em relação à

maternagem de seus filhos. A seguir, apresentamos um trecho de uma narrativa visando à ilustração dessa questão:

Rosa disse que a gravidez não foi planejada e que o seu maior problema foi pensar na faculdade. Conta que até hoje passa muito mal para ir até a faculdade: “Tem dia em que eu não consigo nem levantar da cama, porque os professores jogam muita pressão na gente”. Então ela conta que um dia estava saindo de uma aula quando ela comentou, com uma colega, na frente da professora, que era muito difícil cuidar de uma criança e estudar. Segundo Rosa, a professora disse que ela mesma nunca havia tido essa dificuldade, pois sempre se prevenira tomando anticoncepcional. Rosa conta que ficou sem saber o que falar, sentindo-se criticada pela professora.

A partir deste material, vemos que, apesar da mulher ter conquistado maior liberdade para exercer a sua sexualidade, mediante a irrupção de uma gravidez não planejada, as concepções conservadoras são imediatamente retomadas, e a mulher é cobrada para que ocupe o papel tradicional de gênero (Urpia & Sampaio, 2009). Uma vez que a mulher engravida, apesar de ter podido tomar medidas preventivas para evitar essa gestação, a expressão “quem pariu Mateus que o embale” passa a valer maximamente, o que faz com que a estudante universitária se sinta cobrada para se voltar aos cuidados da criança sem poder reclamar (Mesquita et al., 2019).

Dentre as outras mulheres que foram associadas, por nossas participantes, como fonte de cobrança, as mães delas foram as que mais pareciam lhes afetar. A seguir, apresentamos trecho da narrativa sobre a entrevista com Amélia:

Amélia conta que, durante a gestação, todos prometiam acolhimento, repetindo frases do tipo “você não vai ficar sozinha, sua família está com você, você não vai passar por dificuldade...” Acrescenta: “Logo que a criança nasce, no mesmo dia, a conversa já é outra: dizem que você tem que se responsabilizar, que foi sua escolha, que você tem que saber o que é ser mãe, ...”. Amélia relata, então, que sua mãe cuida do neto apenas quando ela tem um compromisso relacionado à faculdade ou ao trabalho. Diz: “Sempre tenho que implorar, porque tem fases em que ela fala que não vai mais cuidar dele e que sou eu quem tenho que me responsabilizar”. Mais para frente, a participante acrescenta que às vezes precisa assumir uma postura extrema para que sua mãe a ajude: “Eu falo: ‘Mãe, eu estou te pedindo porque eu estou sentindo que eu estou ficando louca. Estou tentando carregar o mundo nas costas...’”. Observamos que, a despeito das mães das participantes provavelmente também terem sido cobradas para serem mães que correspondessem a um ideal social, o que talvez fizesse com que elas afrouxassem as cobranças feitas às próprias filhas enquanto mães,

contrariamente, reproduziram o discurso de ideal materno com suas filhas. Isso nos leva a refletir como se faz necessário um longo processo de desconstrução para que transformações sociais ocorram.

O material referente à Amélia também nos chamou a atenção, pois a participante revela que só pode contar com o apoio de alguém cuidando de seu filho se for para que ela estude, algo que também foi encontrado na pesquisa de Gonçalves e Ternovoe (2017), cujas participantes reclamaram que só poderiam existir enquanto mães ou enquanto universitárias, não sendo autorizadas a terem momentos de lazer. De maneira análoga, Bosch (2013), que conduziu entrevistas com estudantes australianas de pós-graduação, sobre a maternagem, observou como a rotina delas era estritamente organizada, consistindo no exercício de suas diferentes atividades de forma altamente controlada em relação ao tempo de que dispunham, para poderem equilibrar os estudos com as responsabilidades maternas.

A partir desses dados, é possível depreender, em consonância com Fiorin, Oliveira e Dias (2014), que, na contemporaneidade, perdura um novo ideal de mulher, uma supermulher ou mulher bem-sucedida, que, cercada de responsabilidades, deve dar conta de sustentar um mundo perfeitamente equilibrado, sem ter que pedir ajuda aos demais. Esse novo imaginário, que prevê uma mulher bem-sucedida profissionalmente, no centro do lar, e fisicamente magra, conforme descrevem Roso e Gass (2018), revela-se prejudicial, entretanto, porque normaliza a conjuntura de sacrifícios e abdições a que as mulheres são submetidas, fazendo com que elas se sintam angustiadas por não serem capazes de tudo conciliar (Aguiar, Paes, & Reis, 2019), ou, segundo a expressão de Amélia, “por carregar o mundo nas costas”.

3.3 Campo “Mulher (in)dependente”

O terceiro e último campo encontrado é regido pela regra lógico-emocional de que ser mãe universitária equivale a ter a sua independência abortada. Assim, além das entrevistadas comunicarem que se sentiam atrasadas nos estudos e fracassadas enquanto mães, também se revelaram mais dependentes do que gostariam de estar naquele momento, demandando a crescente ajuda dos outros. A seguir, apresentamos trecho da narrativa referente à entrevista com Íris:

Quando perguntada se ela ainda mora com os pais, a participante responde que sim: “Minha condição financeira hoje está bem mais precária do que antes. Eu poderia estar pagando aluguel ou até ter comprado uma casa...”. Em seguida, falando em tom de voz mais alto, explica que a ideia de ficar morando com seus pais era para evitar que seu filho ficasse sozinho, já que ela é divorciada do pai dele.

A partir do relato de Íris, fica claro como a chegada de uma criança, que é uma fonte de despesas, fez com que a sua independência financeira se tornasse mais distante. Esta é uma questão que se torna ainda mais agravante se pensarmos que, em média, os estudantes universitários são jovens de 18 a 24 anos de idade (Jiménez, Campa, & Villalobos, 2019), que têm uma rotina ainda adolescente (Menezes et al., 2012), se mostrando bastante dependentes de suas famílias (Urpia & Sampaio, 2011). Ao ingressarem na universidade, em nosso imaginário tão associada a um local de emancipação (Reis, 2017), essas jovens têm a expectativa de estarem percorrendo um caminho que as levará, ao final, a uma maior independência financeira (Yakaboski, 2010), o que uma gravidez irrompida de forma não planejada pode, entretanto, sabotar.

O mal-estar frente à perda de autonomia não se deveu, entretanto, exclusivamente às questões financeiras, abarcando também a dependência em relação à ajuda dos outros. Isso aparece claramente na entrevista com Margarida, cujo trecho de narrativa apresentamos a seguir:

Margarida explica que tem muitos atritos com a avó, com quem ela e a filha moram. Conta de situações em que a avó tira a sua autoridade na frente da sua filha. Ao ser questionada, então, se ela tem vontade de morar sozinha com a filha, ela responde que sim e começa a falar mal do pai da filha dela, de quem está separada: “Ele ficou com tudo, com todos os móveis e eletrodomésticos, porque foi o avô dele que deu quase tudo. Mesmo racionalmente eu sabendo que não devo sentir isso, fico com raiva dele ter todas as coisas e eu não, de eu ter regredido enquanto ele está tranquilo, saindo de casa, voltando a hora que quer...”.

Elegemos esse trecho sobre Margarida, porque ela nos relata sobre duas figuras: a sua avó e o pai de seu bebê. Em relação à avó, Margarida traz o mal-estar por sentir que, por causa dela, ela teria menos autoridade sobre a sua própria filha, ficando numa posição complicada, uma vez que, ao mesmo tempo em que isso a incomoda, ela também precisa da disposição da sua avó para ser dispensada dos cuidados maternos e poder estudar. É como se a participante tivesse que se submeter a uma dinâmica em que sua avó exerce certo poder sobre ela e deslegitima a sua maternagem em relação à própria filha. Desde esta perspectiva, é como se Margarida nos revelasse que, para ser mãe universitária, faz-se necessário que ela se coloque numa posição de dependência em relação ao outro, o que, em determinadas situações, pode ser sentido como uma violência simbólica (Mata, 2019).

Em relação ao pai de sua filha, Margarida também traz mal-estar, mas, dessa vez, não pela super presença dele (como ela traz, quando se refere à sua avó), mas

pela sua relativa ausência. Aqui caberia indagarmo-nos se apenas as mulheres que não estavam mais em uma relação estável com os pais de seus filhos estiveram atravessadas por esse campo da (in)dependência. Será que elas se sentiam tão dependentes e tão sem autonomia porque não tinham como contar com os cônjuges e daí precisavam recorrer aos seus familiares de origem?

Ao nos debruçarmos sobre as outras narrativas, entretanto, observamos que mesmo as participantes que estavam em uma relação estável com os pais de seus filhos eram atravessadas pelo sentimento de dependência. A diferença, neste segundo caso, foi a de que elas se lamentavam por dependerem de companheiros que pareciam decepcioná-las em seus papéis paternos. A participante que deixou essa questão mais em evidência foi Orquídea. A seguir, apresentamos um trecho da narrativa derivada da entrevista com a mesma:

Orquídea comenta que havia pedido ao seu esposo para que adiassem os planos de terem um bebê para depois do término da faculdade dela: “De tanto ele ficar me pedindo, eu resolvi ter”. Conta, então, que ficou grávida durante o nono e o décimo períodos e que, como ficou devendo algumas matérias, acabou atrasando o término da graduação. Mais adiante, quando questionada sobre a sua rotina, fala que trabalha durante o dia e que faz faculdade à noite, complementando: “Meu esposo fica com ele, porque já que ele quis, ele tem que abraçar a causa, né? Mas, ao mesmo tempo em que ele me ajuda, para mim não é suficiente. Eu queria que ele me ajudasse em tudo. Eu peço para ele para lavar o banheiro, mas é raríssimo ele lavar. Não é do jeito que eu queria, mas ele dá banho e troca fralda”.

Em várias pesquisas empíricas nas quais estudantes universitárias foram ouvidas, observou-se igualmente que os pais tendiam a comparecer apenas quando tinham uma relação estável com as mulheres (Terra, 2019), sendo que, mesmo assim, suas rotinas não haviam sido tão alteradas com a chegada de uma criança, assim como as rotinas das mães (Reis, 2017). Vemos, assim, uma reprodução, conforme já discutido em campo anterior, da tradicional divisão sexual de trabalho que tanto dita que a participação do homem, na esfera doméstica, se dá apenas na forma de uma ajuda (Amorim, 2012).

Ainda, no presente campo, foram encontradas manifestações também associadas às universidades frequentadas. Várias participantes expressaram sofrimento emocional intenso por se sentirem dependendo da boa vontade de seus professores, no que tange às faltas, aos atrasos nas entregas de trabalhos e à presença da criança em sala de aula. Houve inclusive comunicações sobre precisarem das dependências das universidades, nas quais não existem trocadores; não havia, nas referidas instituições de ensino superior, elevadores funcionando

para o transporte de carrinhos de bebês nem tampouco cadeiras especiais para gestantes.

Uma vez que um dos principais motivos para a evasão universitária do sexo feminino é o nascimento de filhos (Vieira et al., 2019), entende-se que as políticas de assistência, dentre as quais licença maternidade, creches universitárias, auxílio pré-escolar, etc., configuram um importante instrumento que pode favorecer a permanência dessa população específica no Ensino Superior (Mesquita et al. 2019). Ao ouvirmos nossas participantes relatarem inclusive sofrimento emocional ao passarem pelo processo tortuoso de análise de concessão do direito a regime especial – que prevê que o estudante pode solicitar uma compensação da ausência em sala de aula –, surge a dúvida, levantada também por Tauil (2019), se as universidades não estariam, de alguma maneira, reproduzindo um movimento de discriminação de gênero. Estaria a universidade, de alguma forma, cometendo uma violência institucional com esse grupo específico de mães universitárias?

Vale ressaltar que, embora a maior parte das entrevistadas tenha associado a universidade a um ambiente insuficientemente bom, do qual não poderiam depender, algumas participantes a vincularam a um espaço de maior autonomia, no qual estariam pelo menos mais distantes das tarefas domésticas e das funções maternas. O trecho da narrativa da entrevista de Margarida é um exemplo disto:

A participante conta: “Acho que, além de ansiosa, eu estou meio depressiva. De noite eu tenho insônia, aí eu durmo de dia, mas, quando eu estou na faculdade, eu me sinto livre, consigo respirar”. Ao ser indagada a respeito do que ela se sentia mais livre, Margarida responde: “Quando eu estou de férias, eu não aguento ficar o dia inteiro em casa, aí eu acabo perdendo a paciência com a minha filha sem precisar. Eu tenho a noção de que eu preciso sair de casa, nem que seja para dar uma volta. Eu preciso sentir que a Margarida, além de mãe, existe”.

Vemos desse modo que, paradoxalmente, para uma parte do coletivo estudado, é através da universidade que seria possível migrar do estado de mulher dependente (dos pais de origem, do companheiro, etc.) para o de mulher relativamente independente, com a autonomia relativamente preservada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura do material produzido nas entrevistas, foi possível erguer três campos, “Profissional prejudicada”, “Mãe falha” e “Mulher (in)dependente”. Atravessadas por estes campos, as participantes experienciavam mal-estar

emocional em suas funções enquanto estudantes e enquanto mães, tendo a impressão de terem perdido a autonomia que vinha até então sendo conquistada. Contudo, paralelamente a esse mal-estar, também notamos manifestações de ambivalência, uma vez que algumas das participantes também expressaram que, devido à maternidade, se sentiam mais motivadas para estudar, valorizando tanto cada momento livre para estar com os filhos quanto cada situação longe deles.

Concluimos assim, que não necessariamente a experiência emocional de ser mãe universitária, seja algo de cunho negativo, a despeito das participantes terem manifestado sentimento de sobrecarga, como se estivessem carregando o mundo nas costas. É possível inclusive inferirmos, que talvez nossas participantes tenham enfatizado tanto os aspectos negativos de suas experiências em razão de as entrevistas terem configurado um espaço protegido em que puderam expressar autenticamente seus dissabores enquanto mães universitárias. Deste modo, apesar das entrevistas terem sido realizadas visando exclusivamente objetivos científicos, suspeitamos que algumas delas tenham tido efeitos terapêuticos para as participantes.

Um dos fatores que, a nosso ver, teria favorecido para que o enquadre da entrevista fosse experienciado como um espaço de acolhimento foi o de termos permitido que as participantes comparecessem acompanhadas de seus filhos. Por um lado, entendemos que a presença das crianças pode tê-las furtado, em certas situações, de se expressar livremente, já que as entrevistas chegaram a ser interrompidas por choros, acidentes com brinquedos e até troca de fralda da criança. Por outro lado, entendemos que era importante acolhermos as crianças espontaneamente trazidas, por dois motivos: 1) em respeito à falta de tempo livre dessas mulheres, que trouxeram a dificuldade em se desdobrar entre tantas atividades; e 2) pela compreensão sensível de que se vetássemos as entrevistadas de estarem acompanhadas de seus filhos, poderíamos, sem querer, reproduzir a exclusão que muitas delas narraram sentir quando seus professores e colegas não acolhiam sua permanência em sala de aula com o bebê.

Vale ressaltar que a inclusão das crianças nas entrevistas não apenas teria despertado, em nossas participantes, o sentimento de acolhimento, como também, teria agregado em termos científicos, uma vez que a própria entrevistadora pôde experienciar, contratransferencialmente, como é difícil realizar uma atividade na presença de uma criança. Assim, tal como as participantes, a entrevistadora pôde também habitar, transitoriamente, o campo “Profissional prejudicada”, experienciando a difícil tarefa de realizar uma pesquisa na companhia de uma criança.

Esperamos, a partir deste trabalho, contribuir para que o grupo social constituído de mães universitárias ganhe maior visibilidade, partindo da

compreensão de que, apesar da universidade estar mais aberta ao público diversificado, por meio de ações inclusivas para que minorias sociais ingressem e permaneçam no âmbito universitário, observou-se que as mães universitárias participantes deste estudo experienciavam o sentimento de fazerem parte de um grupo à margem.

REFERÊNCIAS

- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. . *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de Psicopatologia*. Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L., AYOUGH, T.; CARON, R., & Beaune, D. . Les récits transferenciels comme présentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In D. Beaune (Org.). *Psychanalyse, Philosophie et Art: dialogues*. Paris: L'Harmattan, p. 39-52. 2009.
- AGUIAR, S.G., PAES, V.N., & REIS, S.M.A de O.. Presença e atuação de mulheres mães na universidade: dialogando com professores/as e alunas. *Revista Cenas Educacionais*, 2(2), p.150-174. 2019.
- ALVARGONZÁLEZ, D.. Knowledge and attitudes about abortion among undergraduate students. *Psicothema*, 29(4), p. 520-526. 2017.
- ASSIS, N.D.P., AIELLO-FERNANDES, R., & AIELLO-VAISBERG, T.M.J.. "Problemáticos ou invisíveis": o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. *Memorandum*, 31, p. 259-275. 2016.
- AMORIM, T. C. S. *A formação acadêmica das mães universitárias do campus Clóvis Moura: um olhar para a qualidade*. Campo Grande: Realize Editora, 2012.
- APPIAH-AGYEKUM, N.N., SORKPOR, C., & OFORI-MENSAH, S. . Determinants of abortion decisions among Ghanaian university students. *International Journal of Adolescent, Medicine and Health*, 27(1), p. 79-84. 2015.
- BOSCH, B.. *Women who study: balancing the dual roles of postgraduate student and mother*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia, Edith Cowan University, Perth, 2013.
- CORBETT, E., AMBROSIO, F.F., GALLO-BELLUZZO, S., & AIELLO-VAISBERG, T.M.J.. Produções imaginativas sobre dificuldades sexuais: um estudo psicanalítico. *Psicologia e Sociedade*, 26(3), p. 756-765. 2014.
- DEWES, J. O. . *Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven-Sampling: uma descrição dos métodos*. Monografia de Conclusão de Curso, Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- DIAS, M. DE J.S., & SOARES, B.V.P. . Assistência estudantil X creches nas universidades públicas. *Revista Educação e Emancipação*, 12(2), p. 50-74. 2019.

- DÍAZ, E.M., ROJAS, A.M.S., GONZÁLEZ, S.R.M., & GÓMEZ, O.M. . Embarazo no deseado en alumnas universitarias. *Revista Cubana de Medicina Militar*, 42(2), 153-163. 2013.
- FIORIN, P.C., OLIVEIRA, C.T. DE, & GARCIA, A.C. . Percepção de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), p. 25-35. 2014.
- GONÇALVES, J.P., & TERNOVOE, J. DOS S. . Desafios vivenciados por mulheres universitárias de Mato Grosso do Sul, que são mães, profissionais e donas de casa. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 8(2), p. 116-142. 2017.
- HERRMANN, F. . Teoria dos Campos: uma pequena história. *Jornal de Psicanálise*, 40(73), p. 69-75. 2007.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo da Educação Superior 2019: notas estatísticas*. Brasília: INEP. 2019.
- JIMÉNEZ, J.R.R., CAMPA, B.J.M., & VILLALOBOS, J.P.D. . Universidad y maternidade. Madres universitarias en la Universidad de Sonora. *Universidades*, 79(LXX), p. 41-52. 2019.
- MACHADO, J.S. DE A., PENNA, C.M. DE M., & CALEIRO, R.C.L. . Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. *Saúde Debate*, 43(123), p. 1120-1131. 2019.
- MATA, R.M.H.. Las jóvenes madres solteras universitarias: apoyo en el cuidado de los(as) hijos(as). *Cultura de los cuidados*, XXIII(54), p. 217-230. 2019.
- MENEZES, R. DE S., SANTOS, T.S. DOS, VELOSO, N. DE O., FREITAS, V.N. DE, SANTOS, M.S. et al. . Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. *Construção Psicopedagógica*, 20(21), p. 23-47. 2012.
- MESQUITA, A.P. DE, SILVA, G.F. DA, SANTOS, C.A.N. DOS, PEREIRA, L.A. DA S., DIAS, F.M.R., et al.. “Quem pariu Mateus que balance”: a reprodução do patriarcado e a solidão das mulheres/mães universitárias no cuidado com os/as filhos/as. *Anais do 16 Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais*. Brasília. 2019.
- PEREIRA, K.L., & ABRAO, K.R. . A mulher na família e na universidade e as transformações sociais. *Revista Humanidades e Inovação*, 6(17), p. 286-301. 2019.

- REIS, S.A.S. . *Ser mãe na universidade: uma análise da percepção de alunas gestantes e nutrizes acerca das políticas de assistência social de uma IFES*. Monografia de Conclusão de Curso, Curso de Administração, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.
- RIBEIRO, F.G.). *Mães estudantes: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UNB*. Monografia de Conclusão de Curso, Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- ROSA, J.M.T. DA, ZAMBERLAN, C., MACHADO, K.C., FLAIN, V., & DIZA, C.M.G. . Vivências de mulheres que se tornam mães no contexto acadêmico. *Disciplinarum Scientia*, 19(2), p. 161-167. 2018.
- ROSO, A.R., & GASS, R.L. . Novos tempos, novos lugares: reflexões sobre a maternidade em grupos de empoderamento de mulheres. *Psicologia em Revista*, 24(2), p. 442-461. 2018.
- SANCHES, A., & CARDOSO JUNIOR, H.R. . Ruptura de campo: proposta clínica e metodológica de Fábio Herrmann. *Anais do XIX Encontro de Psicologia: percursos de perspectivas*. Assis: UNESP, p. 1-8. 2006.
- SILVA, M.A., PEREIRA, M.M.O., ANTUNES, L.G.R., SILVA, F.D., & CASTELAN, M.C.F. . Conciliando maternidade e carreira profissional: percepções de professoras do Ensino Superior. *Revista das Faculdades Integradas Vianna Junior*, 10(2), p. 190-216. 2019.
- TAUIL, T.I. . *Políticas públicas para mães universitárias: um estudo bibliográfico*. Monografia de Conclusão de Curso, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2029.
- TERRA, A.P.R. (2019). *Dificuldade de integração das estudantes grávidas e jovens mães na universidade e no estágio: existe um perfil de mulher acadêmica?* Monografia de Conclusão de Curso, Faculdade de Direito, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.
- URPIA, A. M. DE O., & SAMPAIO, S. M. R. . Tornar-se Mãe no Contexto Acadêmico: dilemas da conciliação maternidade-vida universitária. *Revista Recôncavos*, 3(2), p. 30-43. 2009.
- URPIA, A. M. DE O., & SAMPAIO, S. M. R. . Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: S.M.R. Sampaio (Org). *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos*. Salvador: EDUFBA, p. 145-168. 2011.

VIEIRA, A.C., SOUZA, P.B.M. DE, & ROCHA, D.S. DA P. . Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática. *Revista Cocar*, 13(25), p. 532-552. 2019.

YAKABOSKI, T. . Going it alone: single-mother undergraduate's experiences. *Journal of Student Affairs Research and Practice*, 47(4), p. 463-481. 2010.